

## **TERRITORIALIDADE E DINÂMICA CULTURAL NO QUILOMBO DO BOQUEIRÃO- Vitória da Conquista - Bahia**

---

Professora Esp. em Antropologia, Romilda Assunção Souza<sup>1</sup>

Vitória da Conquista-BA - Brasil

---

### **RESUMO**

Este trabalho foi realizado com o propósito de analisar os laços de identidade cultural e a dinâmica sócio-territorial da comunidade Quilombola do Boqueirão, localizado no Distrito de José Gonçalves, município de Vitória da Conquista, Bahia. A análise foi feita no sentido de compreender como a dinâmica sócio-territorial do Quilombo do Boqueirão, nas suas mais diversas formas simbólicas (ações e expressões significativas que justificam valores, crenças, costumes, hábitos e práticas), reforça a territorialidade e a dinamicidade da cultura negra. Desse modo, a pesquisa se baseou na análise interpretativa da hermenêutica profunda de Thompson, uma vez que para este autor esse método de pesquisa relaciona-se com a interpretação dos aspectos simbólicos culturais. O trabalho em questão teve como principais objetivos analisar a dinâmica sócio-territorial e cultural presente no Quilombo do Boqueirão, identificar os laços de territorialidade afro-brasileira desenvolvidas na comunidade quilombola, por meio da efetivação de valores simbólicos culturais.

**PALAVRAS- CHAVES:** Cultura, Cultura negra, Territorialidade, Quilombo

---

<sup>1</sup>Licenciada em Ciências Geográficas- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Especialista em Antropologia da Cultura Afro- brasileira - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: lala3019@hotmail.com

### **CULTURAL TERRITORIALITY AND DYNAMIC AT QUILOMBO OF BOQUERAO- In Vitoria da Conquista- Bahia**

### **ABSTRACT**

---

This work was realized in order to analyze the cultural links of identity and the socio-territorial dynamic of the Quilombo of Boqueirao, located in the District of Jose Gonçalves, in the city of Vitoria da Conquista- Bahia. The study was realized to understand how the socio-territorial dynamic of Quilombo of Boqueirao, in its diverse symbolic forms (actions and significant expressions that justify its values, beliefs, customs, habits and practices) strengthen the territoriality and the dynamicity of the black culture. Thereby, the research based on the interpretative analyze of Thompson's deep hermeneutic that according to this author this method of research relates with the interpretation of the symbolic and cultural aspects. The present work had as main objectives to analyze the socio- territorial and cultural dynamic in the Quilombo of Boqueirao, to identify the links of afro-brazilian territoriality developed

into the quilombola community, through the reinforcement of symbolic cultural values.

**KEYWORDS:** Culture. Black culture. Territoriality. Quilombo

---

## INTRODUÇÃO

O trabalho aqui proposto teve como premissa analisar os laços de identidade cultural e a territorialidade afro-brasileira na comunidade quilombola do Quilombo do Boqueirão, localizado no Distrito de José Gonçalves, município de Vitória da Conquista, Bahia.

A cultura negra e a territorialidade por ela conferida se sobressaíram por meio do desenvolvimento de formas de organização social, de ordem econômica, de ordem política, principalmente no que tange a preparação de ações coletivas de revoltas, fugas ou formação de comunidades quilombolas, apesar de em plena vigência da escravidão, as disposições ideológicas da estrutura governamental vigente, estarem pautadas em propósitos de formas simbólicas de manifestações culturais, provenientes da cultura africana. Nesse sentido, é importante então analisar como a dinâmica sócio-territorial do Quilombo do Boqueirão, nas suas mais diversas formas simbólicas (ações e expressões significativas que justificam valores, crenças, costumes hábitos e práticas) reforça a territorialidade e a dinamicidade da cultura negra.

Assim, através de uma análise geográfica e antropológica sobre o desenvolvimento das organizações sócio-territoriais é possível se compreender a organização social que emana de uma comunidade quilombola, uma vez que a identidade territorial e os laços de territorialidade se sobressaem no sentido de preservar os costumes de um povo que tem uma cultura comum, própria, criada por vivências seculares, cuja espinha dorsal é a resistência e o desejo de liberdade, de reafirmação enquanto povo, enquanto grupo social organizado politicamente contra a omissão do Estado.

Desse modo então, vale ressaltar que a ciência geográfica e a antropologia, nesse contexto, atuam com a finalidade de colaborar cientificamente com discussões em torno das dinâmicas territoriais, das relações de identidade territoriais e coesão cultural de um povo que se organiza e estabelece uma intensidade de interação que possibilita a construção de uma configuração social, cuja autonomia tem suporte na dinâmica de relações sociais e, por sua vez, nas correspondentes formas de usar e ocupar a terra sobre o prisma das suas manifestações culturais de origem.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo geral analisar como se dá o reforço da territorialidade da cultura negra por meio da dinamicidade territorial no Quilombo do Boqueirão, e como objetivos específicos analisar a dinâmica sócio-territorial presente no quilombo do Boqueirão, identificar os laços de territorialidade desenvolvidos na comunidade quilombola, por meio da efetivação de valores simbólicos e analisar a rede de relações e a influência da cultura externa no espaço do quilombo.

É importante mencionar que esse estudo servirá como base científica para estudos futuros dos demais quilombos, nessa linha da Geografia Política e da Antropologia. Assim, acredita-se ser de fundamental importância para a ciência

antropológica, os estudos sobre a dinâmica sócio-territorial e a afirmação da territorialidade da cultura negra do quilombo do Boqueirão. Essa pesquisa, em um dado momento temporal, permitirá tanto aos antropólogos quanto aos estudiosos de áreas afins, compreenderem os processos que ali foram articulados no tempo e no espaço. Portanto, o quilombo será o espaço-área de estudo.

A idéia de estudar a comunidade quilombola do Boqueirão partiu da necessidade de avaliar os laços de identidade territorial e dinamicidade cultural, bem como a sua rede de interação com a sociedade local, e por não se ter conhecimento de muitos trabalhos na área da ciência geográfica que trate da territorialidade por meio da cultura afro-brasileira. Para tanto, teóricos que levantam debates sobre espaços quilombolas e cultura africana, como João José Reis, Flávio dos Santos Gomes, Artur Ramos serão utilizados para fundamentação do trabalho a ser apresentado.

Pressupõe-se ser de grande relevância o estudo sobre o quilombo do Boqueirão. Pois, abre-se caminho para se conhecer e respeitar na sua inteireza os elementos múltiplos que compõem o fenômeno Quilombo.

## **METODOLOGIA**

As formas de pesquisa estabelecida para atender os objetivos do trabalho em questão, foram baseadas na análise das formas simbólicas de ações sociais, uma vez que o trabalho busca trazer reflexões a cerca da dinâmica sócio-territorial do Quilombo do Boqueirão, categoria de análise que traz a tona, questões que emanam de aspectos simbólicos como, por exemplo, a cultura de um grupo social.

Contudo, cabe aqui mencionar que o estágio preliminar de uma pesquisa com culturas é a etnografia, através de entrevistas e outros tipos de coletas de dados com o objetivo de reconstruir as maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos vários contextos da vida social.

Assim, a pesquisa baseada no método da hermenêutica profunda, dá conta da análise das formas simbólicas que por sua vez estão também situadas dentro de certos Campos de interação.

Nesse sentido, analisar a dinâmica sócio-territorial presente no Quilombo do Boqueirão requer tratamento de variáveis que emanam das formas simbólicas de manifestações culturais (o modo de vida no Quilombo, os mitos e ritos de relações sociais de formas de trabalho e a dinâmica política do grupo). E é neste contexto que as técnicas de levantamento de dados foram baseadas em entrevistas aos moradores mais velhos da comunidade, bem como ao grupo que compõe à associação de moradores.

Desse modo, segundo John B. Thompson (1995), o objetivo da etnografia, através de entrevistas e observações, é interpretar a doxa (opiniões, crenças e compreensões) que são sustentadas e partilhadas por pessoas que constituem o mundo histórico cultural. Negligenciar esses contextos de vida cotidiana e as maneiras como as pessoas situadas dentro desse contexto interpretam e compreendem as forças simbólicas que eles produzem e recebem é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica.

Que cabe dizer no trabalho aqui proposto, da pesquisa da dinâmica sócio-territorial, do reforço da territorialidade negra, da continuidade da preservação da cultura afro-brasileira.

Identificar os laços de territorialidade desenvolvidos na comunidade quilombola nesse contexto requer técnicas de levantamento de dados, junto aos moradores do Quilombo, que identifique os laços de coesão cultural existente entre os agentes sociais, a preservação e afirmação da cultura e da identidade territorial.

Thompson ainda afirma que interpretar a doxa é um ponto de partida; por isso devemos buscar aspectos das formas simbólicas que brotam da construção do Campo objeto, enquanto construções estruturadas de maneira definida.

A dinâmica cultural do Quilombo do Boqueirão ultrapassa seus limites territoriais, uma vez que, estabelece um intercambio cultural com a sociedade local.

Sendo assim, entrevistas foram feitas aos associados da comunidade, visando informações sobre a participação da comunidade negra em atividades de trabalho cultural e ou educativas fora dos limites territoriais do Quilombo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. DINÂMICA SÓCIO-TERRITORIAL E REFORÇO DA TERRITORIALIDADE DA CULTURA NEGRA NO QUILOMBO DO BOQUEIRÃO

A comunidade do Quilombo do Boqueirão fica situada no Distrito de José Gonçalves, a 36 km de Vitória da Conquista e 5 km à esquerda da BR 116, no Estado da Bahia. Composta por 126 famílias (300 pessoas). Tem como principal atividade econômica a cultura da mandioca. A agricultura em regime familiar tem assistência técnica de um engenheiro agrônomo da APN's que acompanha todas as atividades desenvolvidas dentro dos módulos rurais junto aos quilombolas. Além da mandioca, a comunidade desenvolve alguns trabalhos, como a construção de um viveiro com capacidade para 20 mil mudas, entre as quais 8 mil já foram plantadas e distribuídas (maracujá e urucum), além de uma horta comunitária já implantada e em funcionamento. Os associados foram capacitados com o curso sobre cultura da mandioca, promovido pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, junto ao programa da Agricultura Familiar (PRONAF), o que os estimulou à luta pela construção de uma casa de farinha. Todas essas ações estão integradas e o conteúdo dos projetos tem sido discutido com a comunidade. A área total do Povoado do Boqueirão é de 320 hectares, e tem os respectivos confinantes: Fazenda Mãe Eliotéria (lado oeste), Fazenda Algodão (lado norte), Fazenda Úrsula (lado sul) e Fazenda de Trazibe Rocha (lado leste).

Ao que parece a comunidade quilombola do Boqueirão surge num contexto de escravidão latente, isso pode ser constatado por meio do relato de dona Anísia Maria de Souza, quilombola de 86 anos, residente na comunidade desde 1922, data de seu nascimento. Dona Anísia relata que:

*“Eles serviam a escravidão, foi guentano, guentano, foi guentano, quando não guentou mais, eles fugiu. Era uma terra muito longe, que disse que eles perguntavam ao finado Braz, onde é que eles moravam, ele dizia: \_nós morava na Rezina da Gata, servino a escravidão, disse que tinha uma tale riculuta, disse que o patrão falou: quando a riculuta passar aqui, eu vou vender vocês. Ai eles combinaram pra fugir e eles fugiram, e foram rompendo, rompendo, chegou aqui nesse boqueirão, eles botaram o nome Boqueirão. Tinha mato, mas cada um trouxe um machado, outros trouxeram uma foice, tinha seu facão de trabaíá, eles carregaram as coisas deles, pegaram*

*as muiézia, as veias, vieram tudo embora. Saiu andando, chegou, tinha esse mato, eles se esconderam e foram cortando pau e fazendo ranchim e fez a moradia deles, cada qual tinha o seu. Assim que mãe contava e meu tio Marim, tinha o tio Faustino, Julião, Brasilino, João Nogueira, Manoel Nogueira, Constantino, meu avô, Roseno, aí eles fez os ranchime não ligaro de vim buscar eles mais não.”*

Para justificar a forma com a qual seus parentes eram tratados no período em que serviam a escravidão, antes de fugir para o mato e formar a comunidade negra quilombola do Boqueirão, dona Anísia afirma:

*“Sabe como é que era o tempo da escravidão deles? Como é que eles faziam? O patrão deles ficava dentro de casa dromino mais as muié deles, e botavam eles pra saí no mundo de noite, camiano á noite intiriazinha, bateno caixa, quando o dia tava amanheceno, clariano para amanhecer, eles vinham entregar a barra do dia. Era batendo caixa no meio do mato até o dia clarear. Vou lhe contar, contar a cantiga. Eles saiam bateno caixa, outros bateno pandeiro, outros batendo aqueles berimbauzim, saía: ‘evem o dia magolô, dia evem, aiê a barra do dia mangolô, dia evem’. Dinoite era a hora deles descansarem, botava eles pra caminhar, pra ir buscar a barra do dia. E ainda apanhava quando não fazia as coisas tudo diritim.”*

No primeiro relato citado por dona Anísia, observa-se que os primeiros negros que chegaram na atual área do Quilombo do Boqueirão tinham a terra como meio de sustento. Abriram alas no meio do mato para construir suas moradias e estabelecer formas de trabalho e suas relações sociais e culturais.

Tomando como ponto de partida as formas atuais de trabalho, desenvolvidas no espaço/ área do quilombo do Boqueirão, observa-se que esta possui estreita relação com as formas estabelecidas pelos primeiros ocupantes da terra no quilombo. Assim, seu Auri, morador do quilombo de 67 anos, segue dizendo: “Sabe o que é que eu faço aqui? É plantar e colher, quando dá. A terra é o di comer de todos, é a nossa mãe, é a nossa terra”. Para Carril (2006, p. 220):

*O Quilombo rural funda uma territorialidade expressa pelo modo de vida camponês, que tem a terra como base fundamental para a sua recreação cultural e econômica. No entanto, seu pertencimento ao universo camponês é intercedido pela especificidade étnica, pela memória e pela luta histórica dos quilombos contra a exploração escravista. A vida cotidiana construiu a noção de uso comum da terra, diferenciando-a de outras comunidades.*

Essa idéia de uso comum da terra ainda se apresenta muito viva no quilombo do Boqueirão e traz à tona o pertencimento cultural dos quilombolas. “Todos os nossos, os meu que tá aqui, tudo, trabaia aqui nessa terra, só nessa terra”, diz dona Alice, 67 anos. Assim, dona Maria Domingos, 82 anos, assegura: “Aqui no quilombo, todo mundo trabalha na roça, capinano, plantano, todo mundo trabalha no mesmo sistema, todo mundo junto”. Para Carril (2006, p. 223), “O interesse teórico, referente ao quilombo dá-se pelas características particulares da agricultura, como atividade de produção familiar, cujo cálculo se baseia na continuidade cultural”.

Outro ponto a ser observado no quilombo do Boqueirão, é a organização política dos membros da comunidade. No boqueirão, essa organização ocorre por

meio da associação de moradores que juntos se organizam politicamente, visando à conquista de benefícios que venham contribuir com o desenvolvimento da comunidade, tanto nos aspectos materiais, quanto culturais. Assim, Idalice, 24 anos, segue dizendo: “A associação serve para as pessoas da comunidade se organizar mais, para conquistar as coisas que o quilombo precisa. Conquistar o reconhecimento”. Para Souza (1998), “é enquanto ocupante de um território que o grupo se reproduz cultural, política e simbolicamente como organização distinta no meio rural”.

Desse modo, no Boqueirão, a associação além de lutar pela conquista de recursos materiais, busca desenvolver entre os membros da comunidade a solidariedade e a compreensão de que todos lutam por uma mesma causa, a afirmação e o reconhecimento cultural. Isso se confirma com o relato de seu Auri, 67 anos: “A associação que tem aqui é a nossa organização, mais quando tem uma cesta básica, nós, que é aposentado, não pega, pra sobrar pra os outros que não têm. Essa é a nossa organização, porque nós aqui é tudo da raça negra, quilombola”. Assim, segundo Sodré (2005, p 90), “Hoje se sabe que, em plena, vigência da escravidão, com seus desmoralizantes castigos corporais, suas sangrentas intervenções armadas, suas táticas de assimilação e cooptação ideológicas – os negros desenvolviam formas paralelas de organização social, de ordem econômica, de ordem ‘política’, de ordem mítica e de ordem lingüística”.

A forma de organização política dos quilombolas do Boqueirão expressa a necessidade que os mesmos possuem de desenvolver uma continuidade cultural, a fim de que possam cultivar entre todos os membros da comunidade, o desenvolvimento da territorialidade e o sentimento de pertença afro-brasileira entre si.

### **1.1 Relação de identidade cultural entre os quilombolas**

Segundo Muniz Sodré (2005), a cultura afro-brasileira é um lugar forte de diferença e de sedução na formação social das comunidades negras, os gestos, os contos, os ritos, as danças, encadeiam-se e partilham a mesma singularidade de espaços.

Neste sentido, é importante considerar que dispor destes territórios representa apropriar-se da própria história do grupo, das relações de lealdade e solidariedade, do parentesco, da ritualidade, da organização social e cultural, bem como das perspectivas de um grupo social que se auto-afirma por meio da sua cultura e do seu modo de vida.

Aqui se faz necessário estabelecer relação entre a comunidade do Boqueirão e os laços de coesão cultural existente entre seus membros, o que por sua vez faz emergir a idéia de territorialidade negra. Assim, Idalice, moradora do quilombo diz que “quando um tem problema os outros se preocupam. Enchem as casas pra ajudar, porque nós somos sangue do mesmo sangue”.

A territorialidade de um grupo social requer observações que sejam capazes de ir além da delimitação territorial do espaço físico. A dinâmica sócio-territorial desenvolvidas nas comunidades quilombolas e a identidade cultural, que estabelece laços de solidariedade entre os agentes sociais, tendem a criar um “nós” coletivo que leva a uma ação política de reafirmação enquanto povo. Assim, seu Auri, 67 anos, relata: “Nóis aqui é tudo da raça negra. É tudo do quilombola”. Quando seu Auri afirma “nóis aqui é tudo da raça negra”, aí está embutido não apenas a questão da cor da pele, mas também toda uma idéia de cultura negra que vem enraizada

com o que ele define como raça negra. Para Sodré (2005), é preciso deixar bem claro que não se trata de cultura negra, fundadora originária que aqui se tem instalado, para funcionalmente servir de campo de resistência. Para cá vieram os dispositivos culturais correspondentes as várias nações, ou etnias dos negros arrebatados da África.. Assim, ao se tratar de raça negra, é importante salientar que na cultura negra, a vida e o cotidiano dos indivíduos não se dissociam da religiosidade, desse modo, aqui cabe uma reflexão acerca das colocações feitas por Muniz Sodré (2005) “a cultura negra é um lugar forte de diferença de sedução na formação social brasileira, e assim a religiosidade, os ritos, os gestos, os cantos, a dança, as comidas, todos os elementos simbólicos encadeiam-se por contigüidade, por contato concreto e instantâneo.

A magia e a música partilham; a mesma linguagem, a mesma ausência de significação, a mesma pluralidade de espaço. Ao afirmar que “todos são da raça negra”, seu Auri deixa explícito seu pertencimento cultural, que por sua vez reafirma a territorialidade africana. É importante mencionar que não se trata de uma diferença biológica, pois todos os seres humanos independente da sua etnia pertencem a uma mesma raça: a humana, o que se discute aqui é a singularidade inerente ao grupo étnico racial africano.

Outro ponto importante a ser destacado é que os laços de coesão cultural existentes no quilombo, estar também no apego e apreço aos antepassados. Observa-se que objetos materiais são passados dos mais velhos para os mais jovens e eles cuidam com apreço. Isso é constatado com a fala de Isabel, 28 anos: “seu Josino me deu essa garrafa, ele era um dos mais velhos daqui, essa garrafa foi da filha dele e agora é minha. Não quero que quebre jamais”.

O “nós” coletivo já mencionado se justifica por meio das “formas simbólicas inseridas em contextos e processos sócio-históricos, por meio dos quais são produzidas, transmitidas e recebidas” (THOMPSON, 1995, p.181) no interior das comunidades quilombolas, onde têm sido operadas transformações no modo como se relacionam com as suas tradições. Para Andrade (1995) “a formação de um território dá, as pessoas que nele habita a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas”.

No Boqueirão, observam-se tanto os laços de coesão cultural entre os membros da comunidade, quanto o apego com a terra, o lugar, onde as ações e os afazeres cotidianos se estabelecem. Assim, dona Silvina, 43 anos, diz: “a união aqui é muito gostosa. Nós somos irmãos, aqui vivemos todos em comunhão, todo mundo é parente, primo, prima, irmão, irmã, avô, avó, é tudo assim”. A relação de parentesco dentro da lógica africana é algo forte e possui um elo com a cultura, que entende essa relação como um pressuposto para a continuidade de uma cultura singular que é a cultura afro-brasileira.

O parentesco para o afro-brasileiro, passa pelo plano da importância da memória, da ancestralidade. Nota-se que no Quilombo do Boqueirão, os quilombolas se referem aos mais velhos enquanto fonte de sabedoria e demonstram apreço e saudade dos que se foram. Na verdade é como se eles ainda fizessem parte do grupo, pois em todos os momentos se faz referência aos fundadores do Quilombo, aos que contribuíram com a formação do grupo com muita reverência. Observa-se que no Boqueirão, as crianças, os adolescentes e até os adultos saúdam as pessoas mais velhas, ajoelhadas, demonstrando o respeito e a obediência. Dona Silvina ainda continua: “o amor a terra é demais. É pequena, mas é a nossa vida,

esta terra nós ama de verdade, de coração, a terra aqui é como se fosse a nossa mãe. Sem ela, todos nós ia passar muito mal”.

Raffestin (1993) trata da territorialidade como um valor bem particular, remetendo-o a multidimensionalidade de viver o territorial. Essas várias dimensões se relacionam ao vivido territorial dos membros de uma coletividade. Nesse sentido, a situação dos quilombos impõe questões do problema da identidade, porque o quilombo traduz sua luta pela terra e pela especificidade étnica, tanto vinculada ao direito territorial calcada sobre a ancestralidade, quanto aos valores culturais da África. Na fala de dona Silvina, constata-se a ligação de pertencimento com a cultura e os valores afro-brasileiros:

*“Eu gosto de ser descendente de africano, porque foi o africano que fez isso tudo que se vê, tem que valorizar as coisas da gente, porque se a gente não valorizar as coisas da gente aí agora quem vai valorizar pra nós? Tem que ser nós mesmo”.*

Outra quilombola ainda complementa, dizendo: “Nosso povo trabalhou tanto pá criar nós aqui nessa terra, eu gosto e me sinto emocionada de ser desse povo. Tenho orgulho de ser negra, eu sou mesmo”.

## **1.2 Os afazeres cotidianos e a cultura afro-brasileira no Boqueirão**

Cabe aqui mencionar que a dinâmica sócio-territorial do quilombo do Boqueirão como reforço da territorialidade e da dinamicidade da cultura negra deve ser analisada e compreendida, levando em consideração o dinamismo das formas representativas de cultura no espaço/ área do quilombo, o que requer tratamento de variáveis que emanam da territorialidade, das representações simbólicas de vida no quilombo, das relações sociais, das formas de trabalho e dos afazeres cotidianos. Assim, John B. Thompson (1995) define a “análise cultural” como estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.

É sabido que os espaços de quilombo representam um lugar forte da cultura afro-brasileira, uma vez que estes trazem na sua formação aspectos históricos culturais dos grupos oriundos da cultura africana. Nesse sentido, as observações feitas no quilombo do Boqueirão às atividades cotidianas da comunidade quilombola revela de que forma a cultura afro-brasileira se sobressai. Segundo os moradores do quilombo, formas de trabalho com base em mutirões ainda é uma prática comum entre os quilombolas, o que nos faz comprovar a resistência da cultura negra, uma vez que, segundo Artur Ramos (1937, p. 181), “o mutirão ou puntirão é uma forma de trabalho coletivo de origem africana”. O mutirão como forma de trabalho africano, no Brasil, se estabeleceu de várias formas, principalmente no período da escravidão, de maneira a minimizar o sofrimento causado pelo trabalho escravo. Também funcionava como uma forma de organização política e social que no Brasil contribuía com o fortalecimento dos negros contra a escravidão, ao preconceito e a desigualdade social. A formação de blocos carnavalescos compostos de afro-descendentes nada mais foi do que um mutirão, uma forma de participar da festa, de forma organizada, sem perder de vista o espírito solidário entre os negros. Essa forma de trabalho e organização social ainda persiste no Boqueirão. Segundo Idalice. Quilombola do boqueirão, 24 anos:

*“O mutirão é realizado pra fazer casas, pra fazer adobão, colocar telhado nas casas, quem pode ajudar, vai. (...) O mutirão é realizado aqui no quilombo, quando vai fazer uma casa, um amassa o barro, outro põe água, outros carregam e outros cortam”.*

Para Artur Ramos (1937, p. 181),

*O mutirão é um grupo de trabalho, em que muitas pessoas, negros e brancos, homens e mulheres, dão e vendem um dia de trabalho ao fazendeiro ou outro colono, terminando sua tarefa num festival que avança pela noite adentro.*

A cultura material faz parte do cotidiano dos quilombolas como pode ser vista na imagem 1. Assim, dona Silvina, quilombola do Boqueirão, ainda relata: “O pilão serve para pisar café, corante, canjica, aquele dali mesmo é véi, foi dos mais véi daqui. Ali na casa de minha tia tem um pilozão grandão que foi do tempo do meu avô já tem mais de 100 anos”.



**FIGURA 1. CULTURA MATERIAL NO QUILOMBO DO BOQUERÃO**  
Autora: Romilda Assunção / 2009

Artur Ramos (1937) descreve que:

*Ao lado da habitação dos angolas está o curral para os animais domésticos. Os utensílios de casa são vários: o pilão feito de um só tronco de árvore, a peneira feita de verga, os cestos vários o alguidar de barro, panelas, potes cachimbos, e muitos outros objetos de barro.*

O uso da cultura material advinda da África ainda se apresenta muito forte nos afazeres cotidianos dos moradores do Boqueirão e se faz presente na dinâmica sócio-territorial do quilombo, uma vez que estes objetos possuem também um valor

simbólico, uma representatividade cultural e por isso é capaz de reforçar a territorialidade negra. Para Carril (1995) “a territorialidade na alusão ao quilombo corresponde á sua representação simbólica sem a materialidade da base física”.

Além da cultura material proveniente da África, no Boqueirão, se faz muito vivo, falares e adivinhações que, segundo Sodré (2005), tem forte ligação com a cultura africana. Assim o autor descreve: “Há muitos tipos de aró, sendo bastante comuns na tradição popular brasileira os arós, chamados adivinhações. Aró é a denominação do enigma ou parábola”.

Para justificar a presença das adivinhações no cotidiano dos quilombolas e como elas fazem parte da vida cultural do quilombola dona Anísia relata que em momentos de descanso, o grupo conta piadas e falam adivinhações, assim ela fala: “O que é, o que é mais alto do que um homem e mais baixo do que uma galinha?”.

Segundo dona Maria de Lopes, no quilombo, é comum os mais velhos ‘passarem o ramo’, ou seja, benzerem os membros da comunidade como pode ser visto na figura 2. Essa forma de manifestação cultural também está ligada à dinâmica social dos quilombolas. Ela ainda diz: “ninguém me ensinou a rezar, aprendi sozinha. Rezar tira um ôi, tira unsura. Eu sei rezar do vento e quebrante”.



**FIGURA 2. REZA NO INTERIOR DO QUILOMBO**

Autora: Romilda Assunção/2009

Apesar de toda influência da cultura negra na dinamicidade do grupo social em questão, observa-se que alguns aspectos culturais como, festas de santo, festejos, utilização de instrumentos musicais vêm sendo substituídos por outras manifestações culturais. Assim, dona Silvina relata:

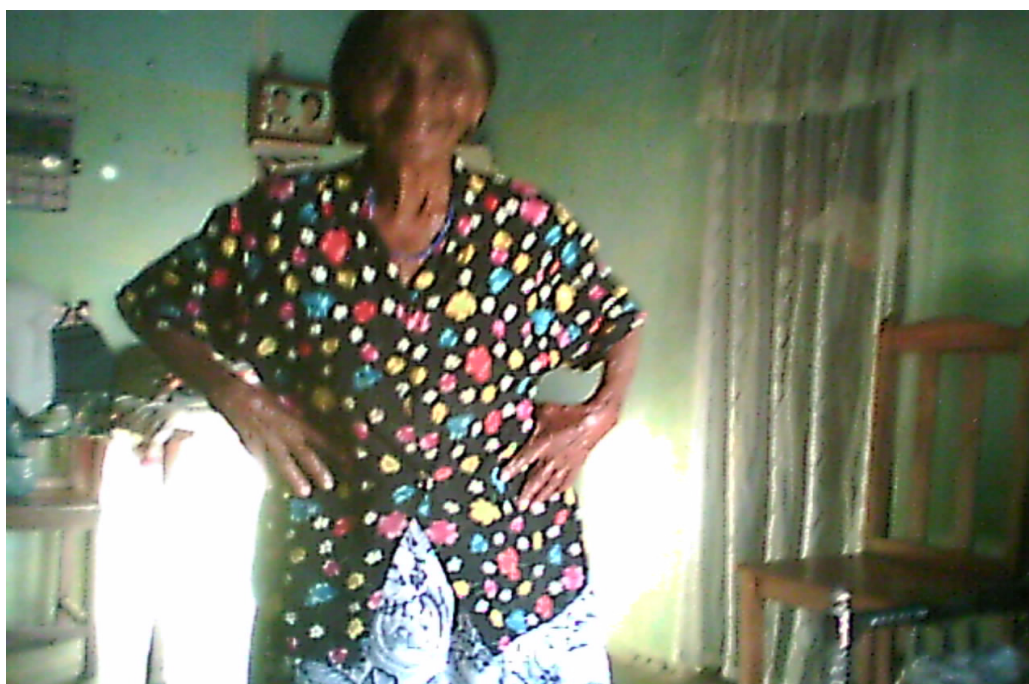
*“O baticum tinha direto, agora só tem no dia 27 de setembro, no caruru de Cosme, Julinha faz, ela tem a devoção dela. Isso ta se acabano por causa da rapaziada nova que só pensa nessas outras músicas de cd, dvd e televisão”.*

Outro elemento cultural que compõe a dinamicidade cultural do Quilombo é a forte presença da musicalidade das festas de Reis. Seu Juvelino, afirma que antigamente o Terno de Reis, na comunidade era muito forte, e ainda está presente entre os membros da comunidade, a musicalidade e as lembranças das cantorias, realizadas pelos cantadores de Reis que existiam na comunidade.

O Terno de Reis na comunidade está sendo recomposto, para que as cantorias de Reis, reza e samba de roda possam retornar com os mais novos, para isso, já foram comprados pandeiros, caixas, bumbo e gaita. Todos os instrumentos para reavivar a festa de Reis no Quilombo. Assim, seu Juvelino diz: “é através da cultura negra, que o povo negro tem outros objetivos, ou seja, se completa. A cultura faz parte da nossa vida A representação simbólica presente na musicalidade do samba de roda é algo marcante no Quilombo do Boqueirão e por sua vez está presente no cotidiano da comunidade quilombola. Assim, dona Anísia, quilombola de 86 anos, recita versos e dança alegremente, lembrando os cantadores de Reis que existiam na comunidade como pode ser visto na figura 3.

“Chamei a mariquinha  
Pra dançar com dona Mera,  
Vai tu, vai tu, vai tu, meu bem,  
Vai tu dançar com ela.”

“Moça bonita, pra onde você vai?  
Eu vou pra Cana Verde,  
Pra fazenda do meu pai.  
Moça bonita pra onde você vai?”



**FIGURA 3. DANÇA NO QUILOMBO DO BOQUEIRÃO**  
Autora: Romilda Assunção/2009

A cultura referente à territorialidade fortalece o sentido de identidade, pois a mesma é condicionada por valores, que no caso específico do Quilombo, está pautada e alicerçada na cultura afro-brasileira.

## **2. INTERCÂMBIO CULTURAL DO QUILOMBO COM COMUNIDADES CIRCUNVIZINHAS**

Já foi comprovado, por meio de trabalhos acadêmicos sobre quilombos, que, ao contrário do que se pensava, o quilombo representa um fenômeno social que estabelece vínculo social, afetivo e político com outras comunidades. Assim, para (GOMES, 1995, p.102) "... a relação dos quilombos com a sociedade envolvente e não o seu isolamento, explica sua formação e sobrevivência".

O Quilombo do Boqueirão é uma comunidade composta tanto por descendentes de africanos quanto de índios. Dona Anísia (86 anos) relata: "A minha avó foi pega no mato pelos negros, eles afugentou os índios, os índios correu e ficou uma menina pra trás. Eles apanharam e trouxe".

Nesta fala da quilombola, podemos identificar o intercâmbio cultural entre negros e índios no interior dos quilombos e de que forma se processou essa interação no quilombo do Boqueirão. Ela ainda diz que: "Nossa família tem mistura, tem gente de toda cor, mas sabendo que tudo é dos negros, do quilombola". Seu Aníbal, quilombola da comunidade do Boqueirão, nos afirma que: "Aqui no Boqueirão, tem descendentes de índio, muitos já morreram, mas tem os filhos deles ainda". Bandeira (1988, p. 322), ainda afirma que: "o que hoje se conceitua como quilombo, não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou população estritamente homogênea.

Neste sentido, nota-se que no Boqueirão, o intercâmbio cultural entre as comunidades ocorre de forma natural e pacífica, o que nos leva a crer que a comunidade não representa um substrato territorial fechado, isolado no mato. Para tanto, seu Aníbal, ainda relata:

*"Hoje, as comunidades de barra do Caim, José Gonçalves, Monteiro, Serra, Bela Vista, Batista, Quebra Mato e aqui, o Boqueirão, estão todas unidas. A comunidade aqui já fez passeata lá para o Velame, já fez em Conquista e já fez também em José Gonçalves".*

Ao contrário da imaginação que se tem, de quilombo como formação fechada, o quilombo do Boqueirão representa mais uma comunidade que busca estabelecer uma relação de troca cultural tanto entre os seus membros quanto em relação a outras comunidades de formação étnica diversa. Isso é constatado por meio do ilustrativo depoimento do senhor Aníbal. "O Quilombo do Boqueirão mantém contato com pessoas da Lagoa da Pedra, lagoa D'água, José Gonçalves, Itapirema, cabeceira, inclusive nós já fomos convidados para assistir a um campeonato em Datilândia".

## **2.1-Intercâmbio Cultural e influência da cultura externa no espaço/ área do Quilombo do Boqueirão**

A historiografia brasileira sempre teve uma concepção cristalizada de que os quilombos foram apenas redutos isolados e inacessíveis de escravos fugidos. Essa concepção não dá conta de caracterizar o que de fato é entendido como fenômeno quilombo, uma vez que a noção de isolamento era estratégia do arcabouço jurídico colonial de minimizar as ações e articulações políticas exercidas pelos negros fugidos no período escravocrata. De acordo com Souza (1998),

*Em variados exemplos, refutam-se as idéias de isolamento dos quilombos ou a ausência de interação destes com a sociedade envolvente, inclusive com camadas sociais não escravizadas; da*

*incapacidade de se organizar e produzir regularmente; do alheamento sobre mudanças conjunturais e utilização de fatos eventuais para ações políticas de aquilombamento e tantos outros elementos, como a concepção cristalizada de que os quilombos foram redutos isolados e inacessíveis de escravos fugidos.*

A idéia de quilombo fechado, isolado já não faz sentido, pois as comunidades quilombolas atuais se articulam de diversas formas tanto no sentido de se auto-afirmar enquanto grupo que necessita de reparo social, quanto para poder suprir as suas necessidades básicas cotidianas. Isso é observado no cotidiano da comunidade quilombola do Boqueirão, uma vez que em época de colheita de café, realizada em Barra do Choça, cidade próxima à comunidade, homens e mulheres se deslocam com objetivo de ganhar dinheiro. Esse deslocamento do grupo pode também ser entendido como intercâmbio cultural e social com as comunidades circundantes.

Nesse sentido, dona Anísia (86 anos) afirma que: “... ocê não tá vendo, aqui tá limpo de gente, tá todo mundo nos café pra poder comprar coisa que tem precisão pra dentro de casa”. Gomes (1995, p 102) afirma que “a relação dos quilombos com a sociedade envolvente, e não seu isolamento explica sua formação e sobrevivência”. Desse modo, segundo Reis (1996, p. 332):

*“A formação de quilombo é um aspecto pouco estudado no Brasil. Menos ainda é a relação entre o Quilombo e a sociedade que o cercava. Embora especialistas sobre o assunto já tenham chamado a atenção para o engano, predomina uma visão do Quilombo que o coloca isolado no alto da serra, formado por centenas de escravos fugidos, que se uniam para reconstruir uma vida africana em liberdade. Um grande número de Quilombos não foi assim, os fugidos eram poucos, se estabeleciam próximos à povoações, fazendas, engenhos, lavras, às vezes nas imediações de importantes centros urbanos, e mantinham relações, ora conflituosas, ora amistosas, com diferentes membros da sociedade envolvente.*

Outro fato importante no Quilombo do Boqueirão é a forte presença indígena. Observa-se que a comunidade ou grupo quilombola não foi formada apenas por negros, mas também por índios que habitavam naquela região. Assim, dona Anísia (86 anos) diz: “Minha avó foi pega no mato de cachorro, eles correu, os índios com medo deles e deixou a menina pra trás, eles apanharam e trouxe e criou. Aí meu avô Constantino ficou rapaz e casou com minha vó Feliciano, ela era cabocla”.

Apesar da forte presença indígena, todos os membros da comunidade vêem-se, consideram-se e aceitam-se como negros, como afro-descendentes. Isso se confirma na fala de dona Anísia (86 anos): “Nossa família tem mistura, tem gente de toda colidade, mas sabendo que tudo é dos negros do Boqueirão, dos negros do quilombola”. Para Reis (1996, p. 12):

*“As trocas culturais e as alianças sociais foram feitas intensamente entre os próprios africanos, oriundos de diversas regiões da África, além daqueles nascidos das relações que desenvolveram com os habitantes locais, negros e mestiços, aqui nascidos brancos e índios”.*

Várias pesquisas apontam que os quilombos sempre foram fenômenos políticos culturais, que apesar da repressão sofrida, representava ameaça para a ordem colonial vigente. Sabe-se que os quilombos mantinham relação intercâmbio social, cultural e político com índios, brancos e escravos. No Quilombo do Boqueirão, a presença indígena teve grande influência na formação e miscigenação daquele grupo.

Embora com mistura entre negro e índio no quilombo, o pertencimento negro se sobressai com muito vigor. Isto é constatado quando dona Anísia relata: “nossa família tem mistura, tem gente de toda colidade. Mas sabendo que tudo é dos negros do Boqueirão”. O pertencimento negro que permeia o cotidiano da comunidade quilombola do Boqueirão passa pelo viés da alteridade, do apego ao lugar, ao seu modo de vida e as relações sociais e culturais que ali se estabelecem. O pertencimento no Boqueirão é algo que contagia e nos leva a refletir sobre como os laços de coesão cultural permaneceram tão fortes, apesar de toda negação e de toda manifestação contrária ao crescimento e ao desenvolvimento da cultura afro-brasileira. Assim, seu Aníbal, quilombola do Boqueirão, diz: “Eu gosto mesmo de ser negro. Amo minha natureza, não posso ser contra minha natureza. Tenho amor a essa terra tanto, que não tenho preferência de ir para outro lugar não”. Seu Auri, 67 anos, ainda complementa: “Nóis aqui é tudo da raça negra, é tudo quilombola”. Esse trabalho atende os objetivos que foram elencados, uma vez que constatamos que as diversas formas de manifestação social e cultural na dinâmica sócio-territorial do Quilombo do boqueirão reforçam a territorialidade negra uma vez que estão pautados nas heranças culturais e identitárias da comunidade

## CONCLUSÕES

O trabalho de pesquisa desenvolvido no Quilombo do Boqueirão veio confirmar a efetiva presença da cultura Afro – brasileira na dinâmica sócio-territorial do Quilombo, e desse modo constatamos como a territorialidade negra está presente não só no espaço/ área do Boqueirão como também em diversos outros espaços. Além da identificação da forte presença da cultura material no Quilombo e a simbologia que esta cultura possui para as pessoas que ali se encontram. A vida dos quilombolas os afazeres cotidianos, as práticas do dia – dia são pautadas em concepções culturais voltadas para a africanidade, para as suas raízes. As rezas, os cantos, os laços de coesão cultural entre a comunidade e o apego a terra são elementos que desenvolvem uma forte territorialidade, e nesse caso específico, a territorialidade Afro–brasileira. O Quilombo do Boqueirão representa um objeto de estudo riquíssimo tanto para os antropólogos quanto para estudiosos encantados com a dinamicidade da cultura Afro-brasileira, presente, de forma mais viva nos espaços de Quilombo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia de, ***A questão do território no Brasil*** 2.ed.- São Paulo: Hucitec, 2004.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. ***Território negro em espaço branco***. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARRIL, Lourds. ***Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania***. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos in: REIS, João José. ***Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil***. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

RAMOS, Artur. ***As culturas negras***. V. 3. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil. 1937.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. ***Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil***. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: ATICA, 1993.

SODRÉ, Muniz. ***A verdade seduzida***. 3 ed. Rio de Janeiro: DPEA. 2005.

SOUZA, Valdério Santos. Rio das Rãs à luz da noção de quilombo. Artigo baseado no Capítulo 2 da dissertação de Mestrado ***“Do Mucambo do Pau-Preto a Rio das Rãs. Liberdade e escravidão na construção da identidade negra de um quilombo contemporâneo”***, Universidade Federal da Bahia, defendida em março de 1998.

TOHMPSON, John B. ***Metodologia da interpretação***. In: ***Ideologia e cultura moderna: teoria social étnica na área dos meios de comunicação de massa***. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.